

Reportagem Cultural

ARTHUR DE FARIA: A MÚSICA E A HISTÓRIA DA MÚSICA

Juarez Fonseca, especial para o JC

Arthur de Faria é o músico brasileiro com mais livros publicados sobre a história da música. E é o pesquisador/escritor brasileiro que mais discos lançou com suas composições. Por onde começar? A questão é que ele faz tudo isso de uma forma meio encadeada. Esta semana, acaba de retornar de uma série de shows em cidades da região missioneira do Rio Grande do Sul com sua banda de câmara Tum Toin Foin e o coral mbya-guarani Jeroy Mbaraete, e começa a dar os retoques finais no terceiro volume da série de livros *Porto Alegre - Uma Biografia Musical*, previsto para sair no final do ano.

Vamos começar pelo princípio, então. Ele era um guri de 15 anos quando apareceu na redação de Zero Hora em uma tarde de 1984 para me entregar uma fita cassete com suas primeiras músicas. Estudava na Escola de Música da Ospa desde o ano anterior. Lembra: “Eu e meus amigos de Gravataí nos reuníamos para ouvir discos, começamos a fazer música e montamos uma banda, Musical Nascente (influência do Musical Saracura). Uns emprestavam discos pros outros, e um dia apareceu o *Clara Crocodilo*, do Arrigo Barnabé. Enlouqueci com esse disco!”

Segue: “Fiquei pensando que precisava estudar música para entender o que era aquilo. E aí um amigo mais velho, Domingos Fialho (hoje vive em Brasília), que estudava na Escola da Ospa, me deu a dica. Fui estudar lá, fiquei dos 14 aos 18 anos. Troquei o violão pelo piano, fui aluno de Hubertus Hofmann, conheci gente como Marcelo Delacroix, Zé Natálio, Ion Bressan (que depois seria maestro da orquestra) e Artur Elias - também estudei piano com a irmã dele, Dúnia Elias. Mas eu achava que a música de que gostava não ia me dar dinheiro, e na hora do vestibular acabei fazendo jornalismo.”

(Arthur nasceu em 1968, em Porto Alegre, e foi criado em Gravataí, onde residiam seus

pais, José Juarez, economista, funcionário do Instituto Rio-Grandense do Arroz, e Rosemary, professora de História e de Francês.)

Ainda cursando a Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pucrs, com bom texto, em 1989 começa a trabalhar na Redação de ZH. Mais memória: “Aos 20 anos eu não tinha nem emprego, nem namorada, nem banda. Com 21, estava no jornal, no Bando Barato pra Cachorro e namorando a Eliane Brum”. (Eliane se tornaria uma das mais conhecidas jornalistas do Brasil.) Criado em 1990, além de Arthur no piano o Bando tinha Adriana Marques na voz, Delacroix no baixo e voz, Júlio Rizzo no trombone, Sérgio Karam e Amauri Iablunovski nos saxes, Geraldo Fischer no violão e Jorge Matte na bateria.

O repertório era música brasileira dos anos 1930. Os músicos usavam roupas de época e *Café Nice*, o show, dirigido por Zé Adão Barbosa, encenava um programa de rádio. Foram 89 apresentações em dois anos, sublinhadas por algumas lotações de sexta-feira a domingo no Theatro São Pedro em 1991. Ainda durante a existência do Bando, Arthur testou no Projeto Blue-Jazz, do TSP, a Camerata Qualquer Coisa, para “fundir as raízes rítmicas, harmônicas e melódicas da música latino-americana” - três integrantes eram do Bando, outros dois não.

Em nota publicada naqueles dias em minha coluna, ele foi identificado como “dublê de músico e jornalista”. Mas seus dias em ZH estavam contados: deixou o jornal em 1992, já ensaiando com um novo grupo, composições autorais pela primeira vez, algumas com letra. Com o nome (provisório, logo se veria) de Arthur de Faria e Camerata, mesclava ritmos brasileiros e platinos, fazendo uma ponte entre o popular e o erudito. Estreava no recital uma das músicas que permanece até hoje nos shows: *Chama a Monga* (ou *Chamamonga*), mix de chamamé e milonga.

Provisório, porque no ano

seguinte começava a formação de Arthur de Faria & Seu Conjunto, que o projetaria para além das fronteiras do Rio Grande. Lá seguiam Sérgio Karam e Júlio Rizzo, ingressando Adolfo Almeida Jr no fagote, Marcão Acosta na guitarra, Clóvis Boca Freire no baixo, Giovanni Berti na percussão e Guenther Andreas na bateria. Em 1996 veio o primeiro dos seis discos do Conjunto, *Música pra Gente Grande*. Composições dele, do uruguaio Leo Masliah e de Raul Seixas. “Valsas, choros, bossa nova, misturados com jazz e pop, porque rock eu já tentei e não consigo”, resumiu.

Escrevi: “É uma das melhores coisas que se tem ouvido por estas bandas. Acrescida de um elemento que praticamente sumiu da tal música feita pra gente grande: humor. Não se trata de nenhum tipo de gracinha, mas de *humour* mesmo, componente intrínseco, não forçado.” Fora do próprio palco, Arthur produziu o novo show de Nelson Coelho de Castro, mais o CD do grupo de humor Discocuecas e o primeiro de Nico Nicolaiewsky. E àquelas alturas, já trabalhava na Rádio Felusp, depois Pop Rock - onde atuaria por 23 anos, até 2017.

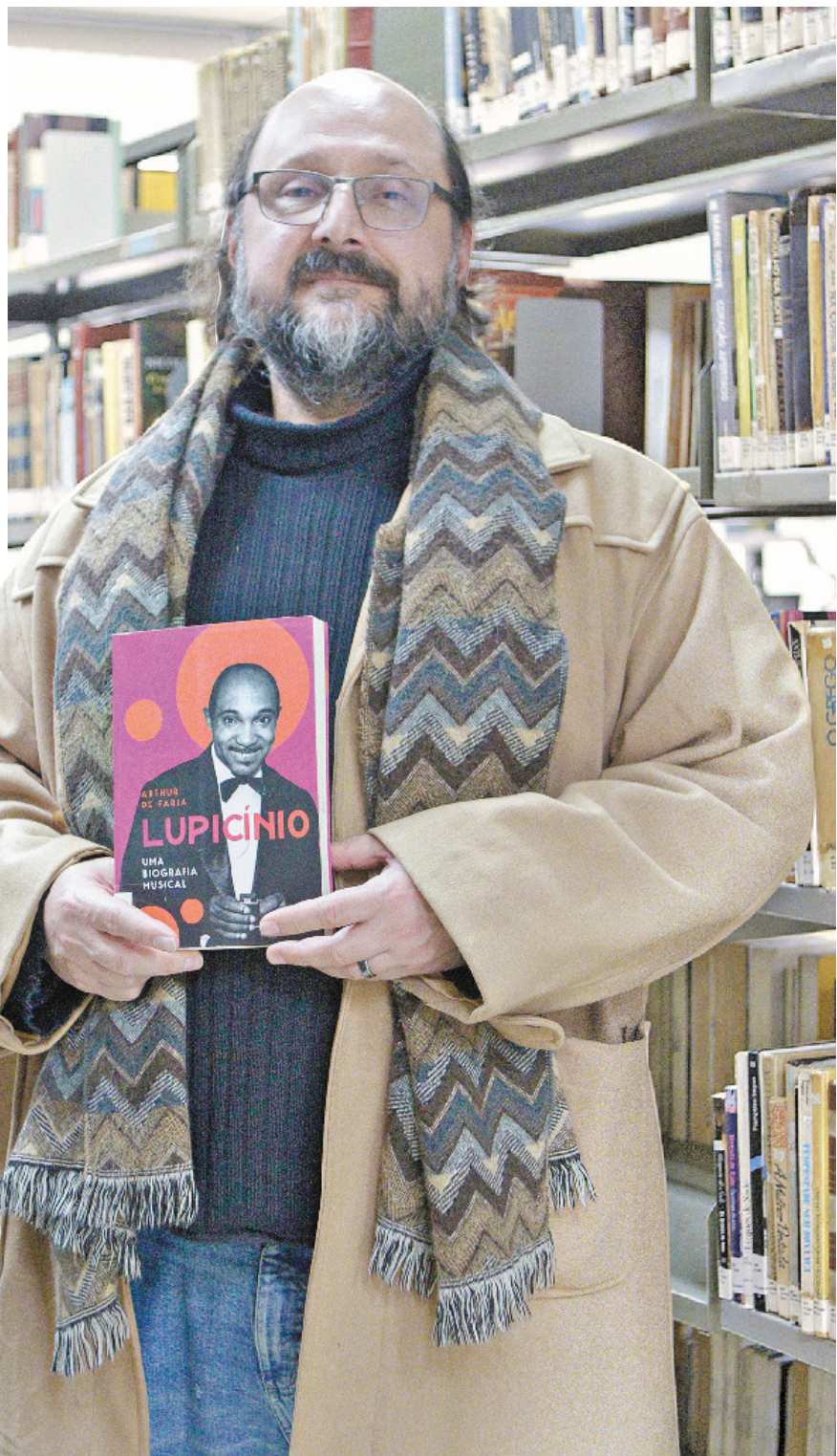
Outra marca de 1996, fundamental, foi a chegada de Áurea Baptista em sua vida - acabam de comemorar 30 anos de união. Conta, Arthur: “Ela era advogada, tinha sido fisioterapeuta. Eu que a desen-caminei, por achar que tinha uma forte veia artística, cantar

muito bem. Era da turma do Giovanni Berti, nos conhecemos no casamento dele. Aí fez cursos de teatro, já participou de mais de 60 filmes, entre curtas e longas. E às vezes fazemos shows juntos. Em 1998 veio a Antônia, nossa filha, que é psicóloga”.

Ainda mais uma marca de 96: a primeira apresentação no exterior, com o projeto *Alegre em Montevideu*, da Secretaria da Cultura da Capital. Arthur e o professor Luís Augusto Fischer

fizeram palestras sobre a música brasileira. Na capital uruguaia surgiram contatos que se multiplicariam dois anos depois em Buenos Aires. Nessas palestras já está o pesquisador, que se anunciava em reportagens sobre Elis Regina e o rock do IAPI, por exemplo, no caderno ZH Zona Norte. E que explodiria em, por enquanto, 10 livros publicados. Arthur de Faria é inesgotável.

Leia mais na página central



FABÍOLA CORREA/JC

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Muito além da burocracia

A descoberta e a notícia são tão fantásticas que pensei valer a pena ocupar o espaço desta coluna com o relato e seu comentário. O leitor pode avaliar.

No Rio de Janeiro, a equipe do Teatro Municipal acaba de decifrar e traduzir uma inscrição que está, desde 1909, presente num dos painéis do chamado Salão Assírio da edificação. Na linha das tendências culturais da chamada *belle époque*, um dos espaços idealizado para o Teatro Municipal da capital carioca, na época a capital do Brasil, foi um salão sírio. Construído ao tempo do controverso prefeito Pereira Passos, os painéis pretendem reproduzir alguns espaços arquitetônicos da cultura persa, incluindo sua escrita cuneiforme - provavelmente, o sistema de escrita mais antigo que se conhece.

Mesmo recuperados os painéis, ninguém jamais conseguira traduzir a inscrição existente num deles, até que o professor Alex Mazzanti, professor de latim da Universidade Federal do Rio de Janeiro, recém chegado à equipe do teatro, pediu ajuda do colega de curso, Matheus Treuk, hoje professor de Arqueologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Sem esforço maior, os dois decifraram em pouco tempo a inscrição: "Do Apadana de Ataxerxes, grande rei, rei dos reis, filho de Dario". Mas, qual é o contexto desta inscrição?

A civilização encontrava-se na antiga Assíria, hoje Iraque. Arquiteto que realizou trabalhos em Paris, no Museu do Louvre, para a Grande Exposição Internacional de 1900, Albert Désiré Guibert foi contratado para realizar este trabalho no Teatro Municipal. O Apadana referido é um grande templo existente em Persépolis, cujas obras foram iniciadas por Dario I e concluídas por Xerxes I, seu filho, pai do Ataxerxes aqui referido, e de que hoje remanescem apenas algumas colunas. No Teatro Municipal, o espaço foi transformado em eventual sala de espetáculos e, mais permanentemente, em restaurante e agora um café, que, ainda hoje em dia, mantém atividades sempre que acontecem espetáculos no teatro.

Por que esta descoberta chama a aten-

ção? O Teatro Municipal do Rio de Janeiro completa 117 anos, tendo sido inaugurado em 1909. Nosso Theatro São Pedro, portanto, é bem mais antigo que ele. O São Pedro encontra-se em obras de reconstrução e renovação, buscando adaptá-lo para a prevenção de incêndios e acessibilidade. Os arquitetos responsáveis, bem como a empresa que está realizando as obras de engenharia, já atuaram no Palácio Piratini, no Museu Julio de Castilhos, na Biblioteca Pública e assim por diante. Houve alguma descoberta significativa durante as escavações necessárias, por exemplo, para a instalação do elevador que deverá funcionar logo na entrada do prédio, à esquerda, onde antes era a chapearia e a antiga escadaria que dava acesso ao café. Que eu saiba, o que se descobriu até agora foram as infraestruturas do prédio original, bem como intervenções remanescentes sobretudo da reconstrução de 1984, nada tão emocionante quanto este episódio do Teatro Municipal.

O que deve nos fazer refletir, porém, é que, ao longo de 117 anos, nunca houve preocupação, por parte de quem administrou a casa - e foram dezenas de administradores - em decifrar e contextualizar a inscrição, o que, certamente, só faz valorizá-la. Tive-

mos de esperar a casual curiosidade de um professor universitário, recém chegado à equipe do teatro, para que se resolvesse o mistério que, na verdade, era tão simples. Por que jamais alguém tomou a iniciativa óbvia de buscar um especialista que, fica comprovado, existe e não era difícil localizá-lo?

Um prédio histórico não é só um edifício. É um testemunho. Atualmente, a Fundação Theatro São Pedro tem um pequeno núcleo histórico, idealizado há poucos anos e que vem estudando, selecionando e digitalizando documentos e objetos da história do teatro. A pequena exposição que está na sala de espera do Teatro Simões Lopes Neto é apenas uma pequenina amostra. Há documentos magníficos guardados no acervo da instituição. Espera-se que, sucessivamente, haja outras exposições e que o atual público do teatro possa conhecer mais desta história.

Tivemos de esperar a curiosidade de um recém chegado à equipe para resolver um mistério que, na verdade, era tão simples

acontece



MARCOS HERMES/DIVULGAÇÃO/JC

Sentença rescindiu contrato firmado há quase seis décadas com a Editora Musical Arlequim

Milton Nascimento vence ação e recupera direitos sobre *Travessia*, clássico da música brasileira

A Justiça de São Paulo deu uma vitória a Milton Nascimento, 83 anos, em uma disputa envolvendo um dos maiores clássicos da música brasileira. Em decisão de primeira instância, o cantor e compositor recuperou os direitos patrimoniais sobre a canção *Travessia*, sucesso lançado em 1967 e composto em parceria com Isabel Ferreira Brant.

A sentença rescindiu o contrato de edição musical firmado há quase seis décadas com a Editora Musical Arlequim.

A ação foi ajuizada em fevereiro de 2025 por Milton, Isabel Ferreira Brant e pelas editoras que atualmente representam os autores. O grupo pedia o encerramento do contrato com a Arlequim, o reconhecimento da titularidade dos direitos patrimoniais da obra e o pagamento de indenização por perdas e danos.

O processo está em tramitação na 15ª Vara Cível do Foro Central de São Paulo e foi julgado pelo juiz Mauro Civolani Forlin.

Na decisão, o magistrado reconheceu como válidos os novos contratos firmados pelos autores com outras editoras para a exploração econômica de *Travessia*. Também determinou que a Editora Musical Arlequim deixe de praticar qualquer ato relacionado aos direitos patrimoniais da música, incluindo conceder autorizações para seu uso ou receber valores decorrentes da exploração da obra. Em caso de descumprimento, foi fixada multa de R\$ 5.000 por ato.

Além disso, a editora foi condenada a pagar aos autores os valores que

deixaram de ser repassados ao longo da vigência do contrato. O montante da indenização, no entanto, será definido apenas na fase de liquidação da sentença. A decisão ainda pode ser contestada por meio de recurso.

A vitória judicial acontece num momento em que Milton recebe alta hospitalar. O artista foi internado na última semana, no Rio de Janeiro, para tratar uma pneumonia e voltou para casa após a recuperação. A informação foi divulgada pelo filho, Augusto Nascimento, que agradeceu o apoio e as mensagens de carinho.

Um dos mais elogiados compositores e letristas da MPB, Milton Nascimento tocou em Porto Alegre pela última vez em 2022, no Ginásio do Gigantinho, como parte da turnê de despedida *A Última Sessão de Música*. Em novembro do mesmo ano, Bituca fez sua última apresentação, cantando para mais de 60 mil pessoas no Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte, cidade onde nasceu e a partir da qual surgiu para o cenário musical brasileiro.

Os problemas de saúde, que já então o faziam andar de cadeira de rodas, foram um dos elementos que levaram o cantor a aposentar-se da rotina dos palcos. Em 2023, o cantor recebeu o diagnóstico de Parkinson e, no ano passado, foi revelado que também enfrenta uma demência por corpos de Lewy. A DCL, como costuma ser chamada, é um distúrbio neurodegenerativo progressivo que afeta a capacidade motora e as funções cognitivas dos pacientes, além de provocar alucinações visuais e depressão, entre outros sintomas.

fique ligado

Lendas do hard rock no palco do Opinião

Nazareth, um dos grupos pioneiros do *hard rock* britânico, se apresenta com a *Latin America Hits Tour 2026* neste domingo, às 20h30min, no Opinião (José do Patrocínio, 834). A turnê é comemorativa aos mais de 55 anos de carreira da banda escocesa e o repertório percorre clássicos como

Love Hurts, *Hair of the Dog*, *Razamanaz* e *This Flight Tonight*. A abertura é da banda gaúcha Phornax. A casa abre às 18h30min e os ingressos, com valores a partir de R\$ 100,00 estão disponíveis pela plataforma Sympla.

Formado na Escócia nos anos 1970, o Nazareth conquistou o ce-

nário internacional com o álbum *Razamanaz* (1973) e se consolidou com *Hair of the Dog* (1975). Atualmente, a banda é liderada pelo baixista Pete Agnew, único membro da formação original, acompanhado pelo filho Lee Agnew (bateria), Carl Senteance (voz) e Jimmy Murrison (guitarra).



Pete Agnew (centro), único remanescente da formação original, lidera o Nazareth na *Latin America Hits Tour 2026*

Cachorro Grande revisita trajetória e pensa adiante

Após encerrar as atividades oficialmente em 2019, a banda Cachorro Grande mantém sua retomada com show exclusivo no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) nesta sexta-feira, às 21h. A apresentação celebra os 25 anos do álbum de estreia homônimo, que será executado na íntegra, com faixas como *Lunático*, *Sexperienced* e *Debaixo Do Chapéu*. Na sequência, o show segue o repertório com clássicos da discografia e músicas inéditas do nono álbum de estúdio, previsto para

o segundo semestre de 2026. Os ingressos custam a partir de R\$ 75,00 e estão disponíveis pelo Sympla.

Nascida em Porto Alegre em 1999 e considerada pela MTV Brasil a mais importante banda de rock'n'roll de sua geração, a Cachorro Grande tem trajetória de duas décadas, oito discos de estúdio e palcos ao lado de nomes como Rolling Stones e Oasis. A retomada começou em 2022 com um show de reunião, que eventualmente evoluiu para shows anuais em Porto Alegre.

Anavitória em voz e violão

Dupla formada por Ana Caetano e Vitória Falcão, Anavitória se apresenta neste domingo, às 20h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com a turnê do álbum *Claraboia*, lançado em setembro do ano passado. No formato voz e violão, o show intercala novas canções, como *Rua dos abacateiros*, *Parapanema* e *Em voz alta*, com os principais sucessos da trajetória da dupla, como *Trevo (Tu)*,

Ai, Amor e *Lisboa*. Os ingressos estão disponíveis pela plataforma Sympla e variam entre R\$ 130,00 e R\$ 460,00.

Vencedora de quatro Grammy Latino, a dupla formada em 2015 ultrapassa 6 milhões de ouvintes mensais no Spotify com seis discos de estúdio, além de singles e EPs. Com 20 faixas, *Claraboia* surpreendeu aos fãs, saindo pouco tempo depois do álbum anterior, *Esquinas*.

Grupo Tholl no Galpão Floresta Cultural

O espetáculo *João*, do Núcleo de Teatro do Grupo Tholl, é apresentado neste sábado, às 19h, no Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541), dentro da programação do Sesc Alberto Bins. Com atuação solo de João Schmidt e direção de Helena Prates e Sandra Viegas, a peça resgata a trajetória de João Pedro dos Reis, conhecido pelo apelido pejorativo João Sinhá, morador de Pelotas no final do século XIX cujo assassinato em 1897 e o enigmático pedido em testamento ("Quando eu morrer, queimem todos os meus papéis") servem de ponto de partida para uma reflexão sobre memória, violência e exclusão. A apresentação tem ingressos que custam a partir de R\$ 24,00 pelo site Sesc e conta com interpretação simultânea de Libras.

A montagem celebra também os 40 anos de trajetória artística de João Schmidt, que retomou a carreira teatral em 2021 com o espetáculo *Pai de Deus* após cerca de duas décadas afastado dos palcos.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 24 DE JULHO

🕒 **20h** - Orquestra da Ulbra e Nova Ópera apresentam a ópera-bufa *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, em montagem inspirada na estética pop contemporânea. No Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). Ingressos no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

🕒 **20h** - Formada por quatro esquetes, peça *Teatrão*, dirigida por Giuliano Zanchi, é atração no Teatro Bruno Kiefer da CCMQ (Andradas, 736). Ingressos no Sympla ou no Instagram do Coletivo Camaleão. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

🕒 **20h30min** - Paulinho Parada traz novas e antigas composições em show no formato voz e violão no Boteco do Zé (Barão do Amazonas, 856). Entrada franca.

🕒 **21h** - Artista uruguaio Pablo Vares em show de música flamenca instrumental no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). A partir de R\$ 40,00 no Sympla. Reservas em (51) 99880-7689.

🕒 **21h** - Diretamente dos EUA, cantora Cerissa McQueen encontra o pianista Luciano Leães e seu trio no Grezz (Alm. Barroso, 328). Soul, gospel, blues, jazz e rhythm & blues estão no repertório. R\$ 70,00 no Sympla.

SÁBADO, 25 DE JULHO

🕒 **Das 11h às 20h** - Shopping Total (Cristóvão Colombo, 545) recebe o Total Geek, voltado aos fãs dos universos *geek*, *otaku*, *gamer* e da cultura pop. *Random dance*, workshops, *quizzes*, shows e concursos. Entrada gratuita. Repete domingo, das 11h às 20h.

🕒 **16h** - Peça *O Burrinho Chico Chico* traz às crianças uma reflexão sobre amizade e respeito às diferenças. No Teatro Nilton Filho (Grão Pará, 179). R\$ 60,00 no local. Repete domingo, 16h.

🕒 **16h** - Marcos Sacramento e Zé Paulo Becker falam sobre os 60 anos do álbum *Afro-Sambas*, dentro do projeto Obras Comentadas. Mediação de Felipe Antunes. Gratuito, com transmissão pelo canal do músico Felipe Antunes no YouTube.

🕒 **16h** - Teatro de sombras *Criaturas da Literatura* revisita clássicos como *Dom Quixote*, *Pinóquio* e *O Pequeno Príncipe*, em espetáculo para todas as idades. Na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). Gratuito, mediante retirada antecipada pelo Sympla. Repete domingo, 16h.

🕒 **18h** - Lançamento do livro coletivo *Durazno Sangrando - 50 anos*, que celebra aniversário do disco de Luis Alberto Spinetta. Presença dos autores Fernando Rosa, Lucia Pereira, Lucila Soares, Pedro Longe, Rafael Guimaraens e Robson Pereira. Na Rádio Agulha, na chaminé do Shopping Total (Cristóvão Colombo, 545). Livre.

🕒 **Das 19h às 23h** - Bar Ocidente (Osvaldo Aranha, 960) recebe edição de julho da festa *Baila Comigo*, conduzida por Katia e Bruno Suman. Participação do professor de dança Marcelo Gomes. Ingressos pelo Sympla.

🕒 **21h** - Patrimônio do rock gaúcho, a Bandaliera toca clássicos com a formação original no Grezz (Alm. Barroso, 328). De R\$ 30,00 a R\$ 60,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Referências no reggae brasileiro, bandas Planta e Raiz e Mato Seco se apresentam no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685). A partir de R\$ 115,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Quarteto Jazzcombo traz *standards* e temas brasileiros em show no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Antecipados por R\$ 45,00; na hora, R\$ 55,00. Reservas em (51) 99880-7689.

🕒 **23h** - A festa Boom Rap volta ao Opinião (José do Patrocínio, 834) reunindo KL Jay, DJ CIA e SNJ, três nomes emblemáticos do hip hop. Ingressos em terceiro lote, a partir de R\$ 70,00 (modalidade solidária) no Sympla.

DOMINGO, 26 DE JULHO

🕒 **Das 11h às 16h** - Rancho Tabacaray (Vicente Monteggia, 2.770) transforma o Dia dos Avós em experiência com fogo de chão, música missionária (com Ângelo Franco) e gastronomia do Pampa. R\$ 210,00, com refeição inclusa (bebidas à parte), pelo Sympla.

🕒 **20h** - Humorista Murilo Couto explora temas do cotidiano, histórias pessoais e elementos de seu processo criativo em espetáculo de *stand-up*. No Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 40,00 no site Uhuu e na bilheteria do espaço.

🕒 **20h** - Grezz (Alm. Barroso, 328) recebe a Confraria do Blues, encontro de músicos marcado pela improvisação e pela paixão pela música. Gratuito, mediante reserva pelo Sympla.

reportagem cultural

Música ou literatura? Ele escolhe as duas

Juarez Fonseca, especial para o JC

Então: a primeira experiência musical de fôlego, o que pausaria sua trajetória de compositor, arranjador e *bandleader*, foi Arthur de Faria & Seu Conjunto. A partir de 1994, uma trajetória de 21 anos e seis discos lançados. Já vimos o primeiro, *Música pra Gente Grande* (1996). Destaques para *Meu Conjunto tem Concerto*, com a Orquestra Unisinos (2002), *Música pra Bater Pezinho* (2004) e *Música pra Ouvir Sento* (2010).

Trecho de meu comentário sobre *Música pra Bater Pezinho*, na revista Aplauso: “O disco me fez lembrar os bons tempos do Tropicalismo. Há criatividade contagiante, música sem fronteiras, força poética, respingos vanguardistas e antropofagia. Parece até que o maestro Rogério Duprat e os Mutantes mandaram eflúvios para os rapazes. O Tropicalismo feneceu há 35 anos, mas como seu código genético está vivo na música brasileira não seria fora de propósito atribuir a Arthur a influência, da mesma forma que para ele não seria demérito reconhecê-la, muito pelo contrário”.

Segue: “Mas na verdade não se trata disso. Arthur não é um tropicalista póstumo e sim um músico e líder que desde o início da carreira, há 15 anos, trabalha na direção de uma música que abranja várias músicas, um conceito que reúna também vários. Sempre esteve em busca de um estilo e sempre soube onde NÃO procurá-lo. No resto valia tudo, de Almondéguas a Frank Zappa e Radamés Gnattali, Nino Rota, Tom Waits, Piazzolla, Beatles, Caetano e tal”.

A multiplicidade de interes-

ses de Arthur, para torná-los sua própria música, passaria por outros grupos. Depois do Seu Conjunto, em 2015 veio a Orquestra do Kaos, com formação totalmente nova e jovem: Lorenzo Flach e Eric Endres nas guitarras, Bruno Vargas no baixo e Lucas Kinoshita na bateria, mais a filha Antônia cantando. “Era uma banda de rock que não tocava rock”, define. Mais dois discos, até 2018. Nesse ano vem a Tum Toin Foin.

“Eu queria um grupo para tocar minhas trilhas-sonoras para teatro e cinema, música instrumental, um clima erudito, meio orquestra de câmara meio banda”, resume. Arthur fez música para 22 curtas/médias-metragens e especiais de TV, e 16 longa-metragens, de diretores como Daniela Thomas. Também assinou a trilha de 25 espetáculos teatrais de diretores como Luciano Alabarse, Dilmar Messias e Roberto Oliveira. Algumas saíram em disco, como *Antígona*.

A Tum Toin Foin trazia outras novidades. Arthur: “Já no primeiro ensaio, pensei: achei meu som. Eu tinha 50 anos e no grupo estava gente de todas as idades. A Sabryna Faria (trombone), por exemplo, tem idade para ser neta do Adolfo Almeida Jr. (fagote). E mais a Miriã Farias no violino, Ange Bazzani no outro fagote, Gabriel Romano no acordeom, Thomas Werner na guitarra, Bruno Vargas no baixo, Giovanni Berti na percussão e Guenther Andreas na bateria.”



DIVULGAÇÃO/JC



Ao lado dos amigos Luís Augusto Fischer (frente) e Nico Nicolaievsky



VINÍCIUS ANGELI/DIVULGAÇÃO/JC

Com o Tum Toin Foin, Arthur faz música instrumental unindo elementos de banda e orquestra: “achei meu som”

Antes da primeira apresentação foram 52 ensaios! Meu comentário: “É música popular? É. É música de concerto? É. É música experimental? É. É música de vanguarda? É. Exceto em alguns momentos, a música de Arthur nunca foi de fácil digestão. Ela perturba ouvidos menos dispostos a entender/curtir aquilo que está fora de expectativas. A Tum Toin Foin ensaiou durante nove meses até esta estreia

no Teatro Renascença. Está pronta? Claro que não, pois a música que faz tem uma complexidade que requer tempo de fermentação. Mas por que ficar pensando no futuro, se a ‘coisa’ recém começou e é muito boa?”.

Resumindo, com composições de Arthur a TTF lançou dois álbuns digitais, em 2022 e 2025, este com a Orquestra de Câmara Teatro São Pedro. Está quase pronto para sair o terceiro, *Tocando os Outros*, com músicas de Black Sabbath a Stravinski, passando por Chico Buarque, Villa-Lobos, Renato Borghetti, Thelonious Monk, Paola Kirst, Carla Bley, Björk.

E nas pausas das atuações dos grupos o maestro faz um recolhimento? Nada, segue com as pautas. Em shows como *É Manso mas não Morde*, só músicas

de Nico Nicolaievsky, a musa Áurea Baptista cantando e o violino de Miriã. Ou em parcerias com o percussionista Fernando Pezão (DuoDenó) e com o também pianista e cantautor Pedro Longes, que resultou no álbum *Canciones com Drama*, de 2025.

Mais: dirigiu e fez arranjos para muitos espetáculos de música. O mais recente (2025) foi *Ela Disse-Me Assim*, com as cantoras Loma, Paola Kirst, Denizeli Cardoso, Andrea Cavalheiro e Glau Barros interpretando Lupicínio Rodrigues, sob direção de Luciano Alabarse. Teve peças interpretadas pelas principais orquestras do Rio Grande do Sul: a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), a Orquestra Unisinos e a Orquestra de Câmara da Ulbra. Em 2022 a Ospa estreou seu *Concertino para Trombone e Orquestra*, com o trombonista José Milton Vieira.

Ele é incansável. A grande cantora paulista Cida Moreira, com quem já se apresentou algumas vezes, brinca que “deve botar alguma coisa na água” para motivar tanta gente a trabalhar com ele. Então: com o próprio trabalho de compositor, pianista e arranjador são 20 álbuns, a maioria lançada em CD, os mais recentes digitais. Vale registrar que as gravações com o Conjunto e a TTF têm algumas (poucas) variações de integrantes.

Seu portfólio ainda registra participações como instrumentista e/ou arranjador ou compositor em cerca de 40 CDs e DVDs, mais shows, daqui e de outros

estados: Siba, Nei Lisboa, Ultramen, Maurício Pereira, Papas da Língua, Vanguard, Zeca Baleiro, Premê, Edson Natale, MPB-4, Beto Alves, Julio Reny, Wander



DIVULGAÇÃO/JC

Wildner, Odair José, Apanhador Só, Grupo Fato, Alessandra Leão, Marcelo Delacroix, Fernanda Takai, a própria Cida...

Também compôs em parceria com alguns desses e Vitor Ramil, John Ulhoa (Pato Fu), Daniel Galera, Hique Gomez, Frank Jorge, Jimi Joe, Antônio Villero, Luciano Albo, Adriana Deffenti, Vanessa Longoni, Dudu Sperb, Nina Nicolaievsky (filha de Nico com Márcia do Cantto, atriz de *Bailei na Curva*, sucesso histórico do teatro gaúcho), o argentino Omar Giammarco...





Juarez Fonseca é jornalista cultural há 50 anos. Autor dos livros *Gildo de Freitas, o Rei dos Trovadores*; *Ora Bolas – O humor de Mario Quintana*; e *Aquarela Brasileira* (volumes 1 e 2)

Quase 30 anos de parceria com os *hermanos*

Sim, resta falar dos *hermanos* uruguaios e argentinos, um capítulo à parte. De 1998 (quando participou do projeto Porto Alegre em Buenos Aires) para cá, só na capital argentina Arthur e suas turmas fizeram 25 shows. Em 2010 ele chegou a criar um grupo trinacional, a Surdomundo Imposible Orchestra formada pelos paulistas Mauricio Pereira e Caio Marcondes, os portenhos Ignacio Varchausky e Martin Sued, os montevideanos Martin Buscaglia, Osvaldo Fattoruso e Martin Ibarburu. Até 2018 o grupo se apresentou nos três lados das fronteiras.

Tocou e gravou com os argentinos La Chicana, Los Cuatro

Vientos, La Bomba del Tiempo, Santiago Vazquez, Rodolfo García (ex-baterista do grupo Almendra, tido como um dos fundadores do rock argentino), os uruguaios Ana Prada, Fernando Cabrera, Hugo Fattoruso e Leon Masliah. Com o cantautor Omar Giammarco fez vários shows em Porto Alegre e lançou em 2015 o disco *Música Menor*. Ele tem uma base sólida em Buenos Aires, o músico e produtor cultural Carlos Villalba, que já se apresentou algumas vezes em Porto Alegre – “Somos amigos desde 1998”, destaca Arthur.

Em setembro próximo, o elo se fortalece. A Tum Toin Foin fará no dia 10 o show de abertura do 33º Porto Alegre em Cena



Ao lado do cantautor Omar Giammarco, com quem gravou o disco *Música Menor*

ao lado das cantoras argentinas Dolores Solá e Liliana Herrero. Depois, Arthur e Áurea levarão à Tilcara, cidade andina na província de Jujuy, o espetáculo

de piano e voz *A Carne da Palavra*, com poemas musicados de Fernando Pessoa, Garcia Lorca, Aldir Blanc, Montaigne, Peire Cardenal e mais. Em Tilcara se

realizará a quinta edição do festival El Noa Tiene Que Andar – Mercado regional de la música, com shows, mesas-redondas, palestras e *workshops*.

Elis, Lupicínio e uma cidade cheia de histórias

Arthur diz que o interesse pela história da música brasileira e pela escrita “são uma maluquice da vida inteira”. Quando não está ensaiando ou nos palcos, está “escrevendo, escrevendo, escrevendo”. À parte as reportagens para o jornal, sua primeira experiência na área foi em 1993, com o texto sobre as origens da música do Rio Grande do Sul na série de livros/fascículos idealizada por Carlos Branco, então coordenador de Música na Secretaria da Cultura de Porto Alegre, mais tarde produtor e empresário na área de espetáculos.

Também a convite e com produção de Branco, o primeiro

livro de fôlego saiu em 2001: o precursor *Um Século de Música RS*, 350 páginas no formato 14x14, com cinco CDs encartados. Obra patrocinada pela CEEE (antes de ser privatizada, claro) através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado. Prefácios assinados pelo



Escrever sobre a música de Porto Alegre e do Brasil é “uma maluquice da vida inteira”, descreve Arthur

professor e escritor Luís Augusto Fischer e pelo professor e músico Celso Loureiro Chaves.

Celso escreveu: “Este é o livro que o Arthur não deveria ter escrito. Pois como percorrer mais de cem anos de música urbana do Rio Grande do Sul sem ser enciclopédico ou acadêmico? Sem ser incompleto? São perspectivas tão perigosas que, diz o bom senso, não se deve escrever um livro desses. Mas: e se? E se o bom senso for inimigo da boa memória? E se houver um meio caminho entre a completeza da enciclopédia e a informação truncada? E se o Arthur tiver inventado o impossível? Melhor: e se o Arthur tiver conseguido o impossível?”

Pois é. E era só o começo. Voltando um pouquinho no tem-

po, podemos lembrar que além de Jornalismo na Pucrs ele cursou História, Sociologia e Filosofia na Ufrgs até 2000. Vinte anos depois, o mesmo Fischer o estimulou a voltar à universidade para fazer mestrado e doutorado em Literatura Brasileira, sendo o seu orientador. A dissertação de mestrado foi sobre o grupo Almôndegas e tese de doutorado sobre Lupicínio Rodrigues.

Antes de dar início à bem-sucedida série de biografias pela Editora Arquipélago, ele produziu textos sobre Lupicínio, Elis Regina e Carlos Gardel para coleções de livros/CDs da Folha de S.Paulo. A série da Arquipélago começou em 2015, com *Elis – Uma biografia musical* (276 páginas), livro que depois seria lançado na Argentina, pela

Híbrida Editora. Seguiu em 2022 com *Porto Alegre – Uma biografia musical vol.1* (320 páginas), abordando o panorama desde o povoamento açoriano até os anos 1940. Em 2023 sai *Lupicínio – Uma biografia musical* (376 páginas). E em 2025, *Porto Alegre – Uma biografia musical vol.2* (258 páginas), sobre as décadas de 1950 e 1960. No momento, Arthur finaliza o terceiro volume sobre Porto Alegre, com a história do rock, quinto da série *Uma biografia musical*, que prevê 10 títulos.

Trecho de meu comentário do livro sobre Elis: “Devido ao centralismo cultural, nos acostumamos a ‘saborear’ histórias com as visões de biógrafos como Ruy Castro, Nelson Motta, Julio Maria e tal. Arthur não deixa de

apreciá-las, pois, afinal de contas, a carreira de Elis se deu no Rio e em São Paulo. Mas o modo porto-alegrense de ver as coisas, e desconfiar dos ‘folclore’ cariocas e paulistas, acrescido de seu humor peculiar, é o que de fato diferencia sua biografia das outras.”

Vale lembrar que, antes das publicações, os últimos livros foram/vêm sendo disponibilizados aos capítulos em publicações digitais como o jornal Sul21 e a revista Parêntese, editada por (ele de novo) Luís Augusto Fischer. E esta afirmação pode até ser discutida considerando o futuro, mas Arthur de Faria é o maior historiador musical do Rio Grande do Sul. Apaixonado pelo tema, pesquisa bem, escreve com desenvoltura e bom-humor.



nas telas



Novo longa do gaúcho Davi Pretto, *Futuro Futuro* chega aos cinemas

Ficção científica nada convencional

Rodado em Porto Alegre e grande vencedor do último Festival de Brasília, *Futuro Futuro*, de Davi Pretto, é uma das estreias deste final de semana nos cinemas. O longa é uma ficção-científica de baixo orçamento, rodada em apenas 16 dias e que se passa em um futuro distópico não muito distante. A trama acompanha K, um homem de 40 anos que perdeu a memória e é acolhido por um

clickworker solitário de 60 anos na região mais empobrecida de uma cidade constantemente castigada pela chuva. Ao experimentar um dispositivo de inteligência artificial altamente viciante durante um curso voltado a pessoas afetadas pela síndrome, o protagonista inicia uma jornada em busca de compreender sua identidade e encontrar um lugar no mundo.

Mudanças e encontros inesperados

Novo longa de Anne Pinheiro Guimarães, *Pequenas Criaturas* traz um retrato sensível das transições em uma família que se muda para Brasília, em 1986, com o Brasil nos primeiros passos da redemocratização. Recém-chegados à capital federal, Helena (Carolina Dieckmann) e os filhos, André (Théo Medon) e Dudu (Lorenzo

Mello), precisam se adaptar a uma nova realidade quando o marido de Helena (Michel Melamed) viaja a trabalho, deixando-os sozinhos. Enquanto ela questiona escolhas e reconstrói sua identidade, André vive as descobertas da adolescência, enquanto Dudu transforma o desconhecido em um universo lúdico por meio de novas amizades.

Queda de avião e tubarões assassinos

Sobreviver a uma queda de avião e, como se não bastasse, ainda precisar lutar por sua vida contra tubarões assassinos. Essa é a dimensão do terror enfrentado pelos protagonistas de *Águas Mortais*, de Renny Harlin. O filme acompanha o desespero que toma conta da tripulação e passageiros de um voo de Los Angeles a Xangai. Após

um incidente no compartimento de carga, a aeronave cai no meio do oceano - e os sobreviventes, além das perdas irremediáveis causadas pelo acidente, descobrem que as águas são habitadas por tubarões famintos. A única saída para o grupo é superar suas diferenças e se unir em busca de escapar vivo da situação.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Ginasta romena que obteve a melhor pontuação da história, nos Jogos de 1976		Terra (?), região imaginada pelo escritor J.R.R.Tolkien Situação difícil (gíria)		Ave de rapina do continente europeu		Entidade que presta assistência médica nos países muçulmanos	
Função de fiscais e auditores		Vereador		Fazenda de criação de cavalos de corrida		Dirija as preces a Deus	
Deutério (símbolo)		René Descartes, filósofo francês		Foguete russo lançador de satélites		(?) Nostra: a máfia italiana	
Teimosia infantil ruidosa		Período em que o lobisomem sofre a transformação, segundo o Folclore		Arco, em francês		Peça de Millôr Fernandes	
Coroa do orixá		Diz-se dos animais de hábitos noturnos		Aposento do monge no mosteiro		Nosso, em inglês	
Povo da África Central		Forma da estrada sinuosa		Estado comprado pelo Brasil à Bolívia		Percebe através da visão	
A bebida da cuia		Diz-se do remédio com a mesma fórmula de outro		Braço, em inglês		Etapa essencial do processo empírico	
Níquel (símbolo)		Divindade egípcia		Alumínio (símbolo)		As primeiras letras	
Formação seguida pela frota pesqueira		Paulo Rónai, ensaísta brasileiro		Praia da cidade gaúcha de Torres		Belo Horizonte A 3ª nota musical	
Capital da república báltica da Letônia		Interjeição vocativa		Polo (?), região que concentra restaurantes de alto nível			

BANCO 10 3/arc — arm — our. 4/cosa — riga. 5/mouse. 6/próton. 8/milhafre. 10/plenilúnio.

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

© coquetel | © Editora Coquetel

Solução												
O	C	I	M	O	N	O	H	I	S	V	A	G
H	B	R	R	O	I	D	O					
L	V	E	R	E	N	V	G	I	R			
E		E	M	U	D	V	A	C				
M	R	V	A									
R	V	L	I	M	I	S		I	N			
E		E		V	N	E	L	V	M			
R	E	C	V	E	S	O	W					
T		S	E	T	O	G	N	O	C			
N	O	T	O	P		N	C					
E		C	F		E	D	V					
C	R	V	A	Ó	V	A	R	I	P			
S	V	A	V	H		I	R	D				
E	R	O	L	I	D	E	V					
R	V	N	O	I	C	E	P	S	N	I		
C				M	M							

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Um dia de harmonia doméstica e familiar. O conforto físico e o bom ambiente entre as pessoas tende a propiciar momentos de bem-estar. A criatividade artística está em alta.

Touro: As relações de cotidiano e o envolvimento afetivo estão de mãos dadas. O encanto por estar ao lado de pessoas bonitas ou situações de natureza estética lhe fará muito bem.

Gêmeos: O tino comercial está ativo: pode fazer bons negócios e adquirir um objeto ou peça que lhe agrade esteticamente. Conheça melhor aqueles com quem divide seu espaço físico.

Câncer: Procure desenvolver seu gosto pessoal, fazendo coisas na rotina que sejam de seu especial agrado. Faça das afinidades naturais a base para a construção do cotidiano.

Leão: Um dia de sossego, permitindo agradável recolhimento e dedicação a interesses estéticos pessoais. A aquisição de algo de seu gosto ou agrado poderá lhe fazer muito bem.

Virgem: O convívio com amigos tende a ser bastante gostoso, com eles lhe mimoseando e agradando de muitas maneiras. Você também se mostra comunicativo e agradável.

Libra: A cooperação hoje vem a favorecer bastante o desenvolvimento profissional. A intuição pode lhe mostrar coisas verdadeiras, livrando-o ou resolvendo diversos problemas.

Escorpião: A sensibilidade e a razão caminham juntas ajudando-o a elaborar os sonhos de vida. É favorável organizar um caminho que leve você ao que lhe agrada.

Sagitário: Algum apoio material favorece a reforma ou mudança que se faça imprescindível no trabalho. Aliás, a disposição para se envolver com os projetos de trabalho está maior.

Capricórnio: A harmonia reina maior em seu casamento e nas relações associativas. O entendimento é hoje mais fácil. Os projetos conjuntos são bom ponto de convergência.

Aquário: Momento de muitas atividades que o aproximam das pessoas. O espírito de cooperação é fundamental. O sentido estético está apurado e você pode aplicá-lo ao trabalho.

Peixes: Os sentimentos amorosos e as oportunidades de convívio convergem, favorecendo a realização das afeições. Momento oportuno para você aprimorar condições no trabalho.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Vida de cabeça para baixo e caos calmo

Somente dois escritores italianos ganharam o prestigiadíssimo Prêmio Strega por duas vezes. Sandro Veronesi, um dos mais importantes romancistas italianos das últimas décadas, é um deles. O outro é Paolo Volponi. Veronesi, nascido em Florença em 1959, recebeu seu primeiro Strega em 2006 com o aclamado romance *Caos Calmo*, que foi publicado em vinte países e venceu também os prêmios Femina Étranger e Méditerranée.

Veronesi publicou mais de vinte obras, entre romances, contos, poemas e peças jornalísticas, e é autor dos romances *Colibri* (Prêmio Strega, 2020) e *Setembro negro* (2025), todos publicados no Brasil pela Autêntica Contemporânea.

Caos calmo, com sua prosa sutil e refinada e com sua temática moderna, se tornou um clássico da literatura italiana da atualidade. A história começa de forma impactante: o execu-

tivo Pietro Palladini, após uma tarde de surfe, despertado por um som distante, salva uma mulher que está se afogando no mar. Ao voltar para casa, descobre que sua companheira morreu subitamente de um aneurisma, justo enquanto ele salvava a mulher no mar. Salvou uma vida, perdeu outra, e aí está o ponto de partida da narrativa sobre o luto, a paternidade (ele passa a levar e buscar a filha de dez anos todo dia na escola, e fica na frente esperando), a crise atual da masculinidade, a superficialidade do mundo corporativo e a busca de sentido após uma perda irreparável.

O protagonista entra em um estado de suspensão que altera sua relação com o tempo, com o trabalho e com os outros. No espaço delimitando, aparentemente banal, a vida segue, com o contato com os outros pais e desconhecidos. Memória e presente se entrelaçam para observar as várias formas do luto. O



“caos calmo” do título do livro é a imagem de uma ordem instável, silenciosa, em que tudo parece estar sob controle, mas nada plenamente resolvido. O romance foi adaptado para o cinema em 2008, com Nanni Moretti no papel principal.

e palavras...

A OLIGARQUIA DOS PODERES

A oligarquia dos poderes e a crise da democracia (História Real - Editora Intrínseca, 256 pág, R\$ 79,90) é a obra mais recente de Joaquim Falcão, imortal da Academia Brasileira de Letras, professor de Direito Constitucional, Conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri), integrante da Academia Brasileira de Direito Constitucional, da Academia Brasileira de Letras Jurídicas e autor de diversos livros, entre os quais *A favor da democracia*, *O Supremo e o supremo* e *O processo eleitoral*.

Já a partir do título o leitor vai constatar que é um livro para impactar e instigar os leitores a pensarem sobre uma realidade acachapante. A partir de uma tese altamente perturbadora, Joaquim Falcão, que estuda e conhece muito bem os meandros dos poderes, analisa como os altos estamentos da República se apropriam do Estado para se beneficiar, se proteger e se perpetuar.

Segundo Falcão, a Democracia Originária está sendo substituída por uma oligarquia patrimonialista e antiliberal composta por integrantes dos Três Poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário). Com seu estilo direto e marcadamente original e com base em estudos, pesquisas e fatos, Falcão argumenta que a democracia brasileira não está sendo ameaçada por forças externas – por golpistas, militares ou ditadores. Ela está sendo solapada por dentro, pelas próprias autoridades que deveriam defendê-la, diz o professor, entendendo que magistrados, parlamentares e membros do Executivo teriam se transformado numa oligarquia. Mas não uma oligarquia

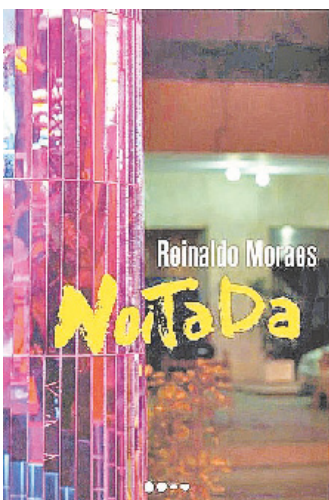
à moda antiga, tipo família poderosa ou de grupo econômico dominando o País. Para ele, trata-se de uma oligarquia feita de autoridades, que acaba por corroer a credibilidade das instituições e que aponta comportamentos que provocam um profundo e federal mal-estar social.

Para Falcão, o caso do escândalo de tamanho amazônico do Banco Master é paradigmático, com o envolvimento de autoridades dos três poderes e mesmo de alguns familiares. O crescimento das emendas parlamentares, com escassos recursos do orçamento federal distribuídos por critérios obscuros e, por vezes fisiológicos, igualmente é mencionado pelo imortal Falcão como exemplo de oligarquia no poder.

A tese da obra de Falcão, que pode e deve comportar análises, discussões, reflexões e ações, mostra como altas autoridades se apropriam dos espaços de decisão por meio de regras não escritas de não-intervenção recíproca.

José Roberto de Castro Neves, imortal, escritor e professor, disse sobre o livro: “Falcão é o Diógenes moderno, com a lamparina acesa mesmo durante o dia, procurando honestidade. O livro é necessário, um susto, um alerta, uma denúncia corajosa ao país que precisa reagir.” Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda, disse: “Falcão sabe que toda sociedade produz hierarquias e desigualdades. Mas sabe também que democracias dignas deste nome procuram combater velhas e novas formas de desigualdade e conter inclinações autoritárias. Este livro imperdível mostra como estamos neste processo no Brasil de hoje.”

lançamentos



► **Noitada** (Todavia, 464 pág, R\$ 119,90), aguardado novo romance do consagrado escritor Reinaldo Moraes, autor de *Tanto Faz* (1981) e *Pornopopéia* (2009), narra o encontro de três pessoas numa única noite em São Paulo, mergulhando fundo na vida interior dos protagonistas, nas contradições de uma classe social e nas fraturas do país. Registro obscuro, escrita elaborada e inventiva.

Um traje para o aniversário do sultão e outras histórias verídicas



DANIELA BARRIER

► **Um traje para o aniversário do sultão** (Escritoras Brasileiras, 128 pág), da jornalista gaúcha Daniela Barrier, relata suas experiências em quatro anos na Malásia, onde foi jornalista e guia voluntária do Museu Nacional de Kuala Lumpur. Ary Quintella, na apresentação: “Quando lemos o livro notamos a alegria da autora em se dedicar a compreender a Malásia, país fascinante, multicultural, multiétnico e multirreligioso.”



► **Da morte sua** (Faria e Silva-Alta Books, 208 pág), de Bruno Crispim, escritor, professor e Mestre em Escrita Criativa pela Pucrs, finalista do Prêmio Kindle de Literatura, é o romance do bancário que assiste a mulher morrer no parto da filha e que, incapaz de encarar a situação, abandona o bebê na maternidade. Na fuga pensa em volta, masculinidade, paternidade e redenção.

a propósito

Nas páginas finais da obra, Joaquim Falcão apresenta suas conclusões e lança alerta para os que acham que nossa democracia está consolidada. Diz ele: “Não sou otimista nem pessimista. Sou realista esperançoso, como o conterrâneo pernambucano Ariano Suassuna. Sou um homem da esperança. Não sei como o jogo, a competição entre a Democracia

Originária e a Oligarquia dos Poderes, vai acabar. Quem vai ganhar? Não sei, mas o jogo já começou. O crescente mal-estar, muita vez indignação ética, dos cidadãos para com os magistrados indica.” Falcão nomeou o modelo da oligarquia com precisão. Esse é o maior e mais duradouro mérito, entre muitos outros, da obra.

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Nderé Oblé e a música afro-indígena gaúcha

Joana Luna Camargo

Quando o Nderé Oblé subiu ao palco em Santarém, no Pará, para a abertura do Sonora Brasil 2026, a reação do público foi de surpresa. “As pessoas não esperam ver um grupo de pessoas negras ou indígenas que são do Sul. Imaginam uma coisa mais CTG, ou pessoas brancas”, conta Dessa Ferreira, compositora e diretora musical do grupo. A cena ilustra e reforça a proposta do projeto: mostrar uma face do Rio Grande do Sul que as narrativas oficiais costumam invisibilizar.

Nascido de um projeto anterior idealizado para o Circuito de Música Afro e Indígena Contemporânea em 2023, o grupo ainda não existia com esse nome.

Foi durante esse circuito que o Sesc conheceu o trabalho e fez o chamado para o Sonora Brasil. “A partir desse convite, a gente entendeu que era para continuar fazendo desse jeito, nesse formato. Aí decidimos dar um nome ao grupo”, explica Dessa. Sugerido pelo integrante Oderiê Cha-Yúa, o nome Nderé Oblé vem do Xanã e significa “o bom caminho” ou “bem viver” na língua do povo fronteiriço que habitava o sul do Brasil, a Argentina e o Uruguai antes das fronteiras nacionais.

A banda reúne os trabalhos autorais de Dessa Ferreira, natural de Brasília, há 10 anos radicada em Porto Alegre; Dona Conceição, compositor gaúcho já no terceiro disco; Loua Pacom, da Costa do Marfim, que traz a tradição dos

griôs, com contação de histórias e canto acompanhado do instrumento de percussão djembê; e Oderiê Cha-Yúa, artista afro-indígena de etnia Charrúa. A formação ainda inclui, como músicos convidados, a violinista Zanza e o guitarrista Wagner Menezes.

Atualmente em turnê, o espetáculo que percorre o País se chama *Ancestral-Futuro* e é construído a partir de composições individuais dos integrantes, reorganizadas por Dessa sob uma narrativa coletiva. A ideia, agora, é compor e gravar em conjunto, registrando as criações via edital. “A gente já vem fazendo algumas experiências, aproveitando os momentos de viagem e trânsito entre uma cidade e outra”, conta Dessa.

Ancestral-Futuro já passou por Santarém (PA), Belém (PA) e Maringá (PR), antes de seguir para cidades como Joinville (SC), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Porto Alegre recebe o show no Sesc no dia 25 de agosto, antes de uma jornada pelo interior gaúcho. Para Dessa, a expectativa vai além da difusão do trabalho. “O Sul às vezes fica muito distante do restante do Brasil. É uma oportunidade de descentralizar essa produção artística”, diz.

MARCOS PEREIRA FEIJÃO/DIVULGAÇÃO/JC



Conjunto está excursionando pelo País, em conexão com o projeto Sonora Brasil

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz sugestões de como melhor aproveitar o final de semana. Seja ficando em casa, debaixo das cobertas, ou curtindo a vida noturna até mais tarde (ou não), opção é o que não falta!



Minha dica pra quem curte rock é o show imperdível da Cachorro Grande nesta sexta-feira no Araújo Vianna. A banda, que retomou gradualmente as atividades em 2022 depois de um breve hiato, agora volta em definitivo e com novidades. Apesar de eu já ter visto incontáveis apresentações, o que vai me tirar de casa hoje é o fato de que, além da banda tocar o primeiro disco, que completa 25 anos, na íntegra e na ordem, poderemos ouvir, em primeira mão, duas músicas inéditas que farão parte do próximo disco. Para deixar na vontade, vou dar o spoiler do título de uma faixa: *Harmonia Natural*. Ingressos a partir de R\$ 75,00 no Sympla ou na bilheteria física do Araújo.

Joana Luna Camargo, repórter do JC



Quer curtir a noite de Porto Alegre, dançar muito e ainda voltar para casa cedo? A boa deste sábado é a festa Baila Comigo, comandada por Katia e Bruno Suman no tradicional Bar Ocidente. O rolê começa cedo (a casa abre às 18h e a pista esquenta às 19h), perfeito pra quem ama diversão sem pressa. Nascida pra turma 50+, a festa conquistou todas as idades com duas pistas, comidinha boa e muita energia. A novidade desta edição é a aula do professor Marcelo Gomes, que vai ensinar todo mundo a mandar o clássico passinho dos bailes cariocas. Não precisa saber dançar, é só chegar, entrar no ritmo e ser feliz.

Adriana Lampert, repórter de Cultura-JC



Para quem quer curtir uma leitura diferente, minha dica é *O Poderoso Chefão Corporativo* (Saraiva, 2012). Sim, o autor foi mafioso. E não qualquer um: Louis Ferrante integrou a família Gambino e, depois de ficar mais de 8 anos preso, deu uma guinada na vida, virou escritor e consultor empresarial. O livro é provocador, mostrando como técnicas de liderança, estratégia e negociação podem ser adaptadas ao mundo dos negócios. O autor nos desafia a deixar os preconceitos de lado e descobrir que muitas habilidades da máfia podem servir para qualquer organização. Uma obra polêmica, sem dúvida, mas que justamente por isso rende reflexões inesperadas.

Cristine Pires, editora-assistente de Economia



Tenho certeza que muitos fãs de rock já assistiram *The Wall*, a majestosa obra de Alan Parker que leva para o cinema o clássico álbum do Pink Floyd. Mas revisitar os traumas e delírios do personagem Pink em tela gigante, com toda a imersão de uma sala de projeção, promete ser uma experiência à parte - e é isso que a Sala Paulo Amorim da CCMQ oferece no domingo, às 14h15min, por módicos R\$ 10,00. Dá para reviver as emoções desse filmaço, curtir o clima da Rua da Praia e, quem sabe, ainda pegar o show do Nazareth no Opinião, no começo da noite - programação capaz de fazer qualquer roqueiro ignorar a chuva, vestir a jaqueta de couro e botar o pé na rua.

Igor Natusch, editor de Cultura do JC